



REVISTA SENTIDOS DA CULTURA

¹Comunicação apresentada no Seminário “Brasil e Irlanda em Diálogo no centenário da Revolução de Páscoa (1916-2016): Roger Casement à luz dos Direitos Humanos”, sediado na cidade de Belém, de 28 a 29 de setembro.

ROGER CASEMENT, WALTER HARDENBURG E SEUS INTERLOCUTORES EM *O PARAÍSO DO DIABO*¹

Hélio Rocha

Resumo

Neste texto, faço uma ligeira reflexão sobre os discursos de Roger Casement, Walter Hardenburg e seus interlocutores em *O paraíso do diabo* (2016). A meu ver, tais discursos, observados sob a perspectiva dos estudos pós-coloniais, refletem uma política de cunho colonialista na América do Sul, uma vez que representam os vários povos nativos como incapazes de autogoverno, pois “vivem sem autoridade civil ou religiosa” (ENOCK, 2016, p. 16) e possuem caráter duvidoso. Reginald Enock, prefaciador de *O paraíso do diabo*, afirma que “Negar é o primeiro recurso do latino-americano e de sua política”. Para a escrita deste texto, autores como Frantz Fanon, Arthur Netrovski, Márcio Seligman-Silva e Michael Taussig foram utilizados como norteadores para a discussão ora travada a partir de alguns recortes do relato de Hardenburg, que foram submetidos a algumas concepções teórico-críticas.

Palavras-chave: O paraíso do diabo. Representações. Pós-Colonialismo. Crítica.



Abstract

In this text, I make a slight reflection on the speeches of Roger Casement, Walter Hardenburg and his interlocutors in *The Paradise of the Devil* (2016). In my view, such discourses, seen from the perspective of postcolonial studies, reflect a colonialist policy in South America, since they represent the various native peoples as incapable of self-government because they "live without civil or religious authority" (ENOCK, 2016, p.16) and are of doubtful character. Reginald Enock, preacher of Devil's Paradise, states that "Denying is the first resource of the Latin American and its politics." For the writing of this text, authors such as Frantz Fanon, Arthur Netrovski, Márcio Seligman-Silva and Michael Taussig were used as guiding principles for the discussion that was drawn from some of the Hardenburg reports, which were submitted to some theoretical-critical conceptions.

Keywords: Devil's paradise. Representations. Post-Colonialism. Critical.

Treachery on the part of the indian it is always necessary to guard against - in the Rubber Belt because of the treatment they received in the past.

[È preciso ter muito cuidado com a traição do índio, por causa do tratamento que tiveram no passado, no Cinturão da Borracha].

Thomas Whiffen - *The north-west Amazons*

Proponho com este texto uma reflexão sobre os discursos de Roger Casement, Walter Hardenburg e seus interlocutores em *O paraíso do diabo* (2016). A meu ver, tais discursos, observados sob a perspectiva dos estudos pós-coloniais, refletem uma política de cunho colonialista na América do Sul, uma vez que representam os vários povos nativos como incapazes de autogoverno, pois “vivem sem autoridade civil ou religiosa” (ENOCK, 2016, p. 16) e possuem caráter duvidoso. Reginald Enock, prefaciador de *O paraíso do diabo*, afirma que “Negar é o primeiro recurso do latino-americano e de sua política. É um traço “oriental” que possuem: a obsessão curiosa de que a negação eficiente e sustentada é igual à verdade, não importa o que mostre as condições reais” (ENOCK, 2016, p. 22). É sob esse viés de pensamento que os discursos dos dois estrangeiros – Roger Casement e Walter Hardenburg – e os relatos de seus interlocutores, sejam eles barbadianos, colombianos, peruanos, ingleses ou brasileiros – enveredam-se por um “colonialismo humanitário” e, apesar das narrativas testemunhais espalhadas no relato de Hardenburg em relação aos massacres contra nativos da Amazônia, pode-se entrever aí uma política de superioridade entre essas culturas em contato.

Tanto Roger Casement quanto Walter Hardenburg escreveram para tornar visível as atrocidades ocorridas numa região distante dos grandes centros “civilizados”; escreveram para denunciar; escreveram para tirar do silêncio sombrio os indígenas escravizados na produção da borracha. Isso é inegável. Entretanto, devemos questionar algumas posições discursivas desses

autores/narradores em relação ao protecionismo do nativo, que é apresentado como “criança crescida” e, portanto, apesar de não ser esse o objetivo da investigação desses dois viajantes, necessita de cuidado e educação por nações vistas como mais humanas e civilizadas. Para Hardenburg, “o índio da Amazônia é, por natureza, dócil e obediente. Sua fraqueza de caráter e docilidade de temperamento não são páreo para a capacidade de dominar daqueles que têm sangue europeu nas veias” (2016, p. 180), necessitando, portanto, da intervenção de um “país civilizado”, a Inglaterra (na opinião de Hardenburg) ou a Alemanha (na visão de Casement).

De acordo com Valcárcel, em *El proceso del Putumayo y sus secretos inauditos* (2004), “Os fatos que determinaram a intervenção da Inglaterra, quando as denúncias contra a Peruvian Amazon Company se tornaram públicas, foram o caráter britânico da empresa, por meio de sua constituição, do capital e diretores e a presença de cidadãos dessa nacionalidade, no caso, os súditos barbadianos” (2004, p. 51). Desta afirmativa, deduz-se que Roger Casement não fora enviado ao Putumayo, em 1910, para investigar crimes cometidos especialmente contra os nativos dessa região amazônica, apesar de ter feito a denúncia em seu relatório.

Foi a partir das denúncias do jornalista peruano Benjamin Saldaña Rocca, publicadas em dois periódicos do Peru, “La Felpa” e “La Sanción”, e principalmente as divulgadas por Hardenburg, que a Coroa Britânica decidiu enviar um de seus diplomatas para investigar esses supostos crimes cometidos contra seus súditos, os barbadianos. De fato, foi o próprio viajante norteamericano que pediu socorro à Inglaterra ao bradar:

Povo da Inglaterra! Pessoas justas e generosas, sempre as sentinelas avançadas do cristianismo e da civilização! Levei em consideração esses horrores! Ponham-se no lugar das vítimas e libertem esses poucos índios remanescentes da escravidão cruel e exijam punição aos autores dos crimes! (HANDERBURG, 2016, p.144).

As denúncias na imprensa internacional feitas por Hardenburg, após um período de busca de dados sobre os crimes da empresa, apresentaram a região da bacia do rio Putumayo - à época, um território em conflito entre países andinos por questões de limites e onde a presença governamental era quase nula - como um “paraíso do diabo” e provocaram a intervenção da Grã-Bretanha, Peru, Colômbia, o Vaticano e a própria Peruvian Amazon Company (PAC) que, declarando-se desconhecadora dos atos criminosos praticados por seus agentes e capatazes, também enviou uma comissão para investigar as denúncias das atrocidades.

A região dominada por esse “sindicato do crime”, a PAC, que tinha Julio César Arana como gerente e maior acionista, havia sido dividida em duas grandes sedes da borracha, La Chorrera e El Elcanto que, por sua vez, dividiam-se em diversas outras localidades para a entrega do produto gomífero, especialmente pelos indígenas escravizados por funcionários e empregados da PAC. À primeira sede, de acordo com Valcárcel (2004), pertenciam as estações Sur, Oriente, Unión, Atenas, Santa Catalina, Último Retiro, Porvenir, Abisinia, San Victor, Matanzas, Entre Rios, Sabana, Santa Julia, Morelia e Pamá. À segunda, pertenciam Esperanza, La Sombra, La Índia, San Antonio, Sevilla, Barcelona, Argelia, La Sofia e La Florida. Os chefes das duas sedes eram, respectivamente, Victor Macedo e Miguel Loyaza; cada localidade, denominada *estação*, estava sob a responsabilidade de um chefe, que se encarregava da organização das expedições punitivas aos nativos que fugiam; que também ordenava as *correrias*, os flagelos, as mutilações, os assassinatos e, de modo geral, a instauração da violência como forma de controle da região.

Sobre essas atrocidades, há pelo menos dois textos fundamentais que testemunham esses crimes. Um deles é o relato de Hardenburg (já mencionado) e o outro é *Blue Book*, de Roger Casement, traduzido para o espanhol por Luisa Elvira Belaunde

com o título *El Libro Azul* (2011). De um modo geral, ambos tomam partido pela situação de escravidão em que se encontravam os indígenas e demais indivíduos (peruanos, colombianos e brasileiros) da região. Assim, os nativos, em especial, são apresentados a partir de uma perspectiva protecionista, o que significa dizer, como “crianças crescidas” que precisavam de proteção de seres mais “evoluídos”. Sobre essa situação protecionista, Hardenburg (2016, p.135) assevera:

Os pobres índios, apesar da 'civilização' diabólica dos peruanos, nunca foram ensinados a ler ou escrever, não têm amigos para protegê-los e, não obstante seus treze anos de contato com essa 'empresa civilizadora' de Arana, nunca ouviram falar da existência de Deus, e suas mentes estão cauterizadas e entorpecidas pelos longos anos de atrocidades nas mãos desses monstros. Os índios são pagãos, mas são humanos, assim como nós somos; eles têm almas; têm afeições e amor e valorizam seus entes queridos, tal como amamos os nossos; eles são nossos irmãos. E se eles são pagãos, selvagens e ignorantes, de quem é a culpa? É culpa desses demônios, que durante anos se aproveitaram de sua ignorância e impotência, explorando sua mansidão e humildade, e aprisionando-lhes em cadeias de ferro da escravidão chocante em que estão agora detidos. E quando vemos que são ignorantes e impotentes e não podem protestar contra seu terrível destino, não é o nosso dever, por isso mesmo, defendê-los da forma mais enérgica?

Deveriam, os nativos, abandonar sua cultura e sujeitar-se à cultura estadunidense? É o que sugere a afirmativa de Hardenburg. Como poderiam os nativos assemelhar-se a esses outros humanos portadores da “Cultura” e da “Civilização” ocidentais? Por acaso, devia o nativo abandonar tudo que lhe constituía enquanto etnia e tornar-se ainda mais vulnerável? Apesar da posição humanitária de Hardenburg e de haver estabelecido um precedente na luta pela abolição da escravidão indígena, seu discurso é salpicado com pequenas fórmulas retóricas, cujo significado inclui uma posição colonizadora indisfarçável. O nativo é um sujeito humano, entretanto, é um ser humano feito à imagem do homem branco? Sem dúvida, muitos



antropólogos, etnólogos, historiadores e outros estudiosos o representam como sujeito expoliado. No entanto, seu estágio ético-cognitivo não é o de um adulto, afirmam muitos estudiosos. Portanto, o nativo é uma criatura que deve, para viver e desenvolver-se culturalmente, abraçar a civilização ocidental ou seja, optar por uma vida adulta que resulta na perda de sua cultura, sua religião, língua, e tudo que o constitui como nativo da América do Sul.

Desse modo, se revela uma face de uma prática discursiva silenciadora que, investida de um ato altruísta, diminui e até mesmo anula a cultura do nativo. Sob esse prisma, a submissão dos nativos à cultura do outro se faz necessária, pois isso é preferível ao estupro, à tortura, à escravidão e à morte. Porém, essa morte simbólica ou silenciamento, a médio ou longo prazo, pode ser muito mais pernicioso do que os efeitos imediatos de atos de barbárie contra esses mesmos povos.

Desde a época da conquista, é surpreendente que um dos principais setores que luta pela proteção dos povos nativos seja o religioso. De uma forma sutil, mas às vezes violenta, intentam catequizar os indígenas a partir da fundação de missões (católicas ou protestantes), que são, nessa política colonial, sempre necessária e urgente. As práticas indígenas religiosas, para eles e para a ideologia dominante, são um conjunto de ritos pagãos, abomináveis e de práticas bárbaras que devem ser extirpadas.

Enquanto Hardenburg esteve na aldeia dos Huitoto, teve a oportunidade para registrar, além de várias palavras e expressões da língua dessa etnia, também sobre a prática religiosa dos nativos. Afirma Hardenburg (2016, p. 111,112) que:

A religião dos Huitoto é uma mistura confusa de várias crenças. Assim, adoram o sol, a lua e ao mesmo tempo acreditam na existência de um Ser Superior chamado Usiñamu e num potentado inferior chamado Taifeño, que acreditam ser o espírito do mal. Também parecem acreditar em uma vida futura para ser gasta em terras de boas caças, etc. Mas esses

pensamentos são vagos e confusos e se misturaram com as superstições mais ridículas.

No tempo em que os colombianos estavam nesse distrito, costumavam trazer sacerdotes de Pasto e Mocoa para converterem os Huitoto e conduzi-los à civilização e ao cristianismo. Agora que a *Peruvian Amazon Company* monopolizou a região, os sacerdotes foram expulsos e tudo em relação à instrução e ao esclarecimento dos miseráveis aborígenes é feito à distância e cuidadosamente.

Como é possível notar, a posição assumida por esse engenheiro norte-americano, enquanto interpreta a cultura religiosa dos Huitoto é de pura negação. Ao todo, essas práticas e crenças não passam de “ridículas superstições”. Entretanto, lembra o viajante, no tempo em que os colombianos estavam naquela região, “costumavam trazer sacerdotes de Pasto e Mocoa para converterem os Huitoto e conduzi-los à civilização e ao cristianismo”.

Sobre essa questão, Frantz Fanon, filósofo e crítico do processo colonial, afirma em *Os condenados da terra* (2005), que “Os costumes do colonizado, suas tradições, seus mitos, principalmente seus mitos, são a própria marca dessa indigência, dessa depravação constitucional. É por isso que é preciso situar no mesmo plano o DDT que destrói os parasitas, vetores de doença, e a religião cristã, que combate no germe as heresias, os instintos, o mal” (FANON, 2005, p. 58).

Outro crítico do colonialismo, Aimé Cesáire, afirma em seu opúsculo *Discurso sobre o colonialismo* (1977), que a colonização é uma “testa de ponte numa civilização da barbárie donde, pode, em qualquer momento, desembocar a negação pura e simples da civilização” (CESÁIRE, 1977, p. 21).

Essas práticas coloniais sempre foram e são de violência, seja física ou psicológica, tanto para o colonizador quanto para o colonizado. Porque, como muitos críticos do colonialismo esclarecem, o processo colonial embrutece; “a colonização, afirma Cesáire (1977), desumaniza, mesmo o homem mais

civilizado”. Isso se pode verificar numa declaração voluntária, assinada por Carlos Soplin, inclusa em *O paraíso do diabo* (2016), em resposta ao pedido do editor do jornal “La Sanción”, Benjamin Saldaña Rocca.

Señor Benjamin Saldaña Rocca,

Pelos artigos publicados em seu jornal digno, *La sanción*, entendo que você aceita as declarações voluntárias daqueles que, como eu, testemunharam alguns dos crimes horríveis cometidos no Putumayo pelos bandidos de Arana. Vou agora relacionar o que vi e o que eles fazem lá.

Durante um ano e quinze dias que fiquei em El Encanto, na estação de Macedo – Monte Rico e em Esmeralda, estação de Artemio Muñoz – vi os índios serem açoitados de forma atroz, geralmente os deixando mortos ou quase isso. O carrasco em Monte Rico era Belisario Suárez, o segundo chefe; nos dois meses e meio que eu estava a seu serviço, vi mais de trezentos índios serem açoitados, cada um recebendo de 20 a 150 ou 200 chicotadas, este último número de chicotadas é dado quando querem matá-lo. Outros índios recebem cem ou mais chicotadas e, em seguida, são jogados na mata para morrer ali, cheio de vermes, porque até mesmo os seus próprios companheiros fogem deles horrorizados. Nessa estação, todos os funcionários são obrigados a fazer as flagelações: entre eles, estavam Andrés Guerra, Gonzalez e outros que não me lembro agora, mas vou citar mais tarde (HARDENBURG, 2016, p. 153, 154).

Carlos Soplin é um dos muitos interlocutores de Hardenburg. Tendo trabalhado durante um ano e quinze dias na estação de El Encanto, sob a chefia de Victor Macedo, testemunhou, de acordo com sua carta datada do dia 28 de setembro de 1908, crimes horríveis cometidos por empregados da PAC.

Essas práticas atrozess foram confirmadas por Roger Casement quando de suas investigações *in loco*. Casement, tanto viu indígenas com as cicatrizes, a terrível ‘marca de Arana’, quanto ouviu as declarações, ou melhor, confissões feitas pelos barbadianos e outros funcionários da empresa. “Houve, além disso”, escreve Casement, “evidência vista por nossos próprios

olhos e sentidos, porque os índios em quase toda parte davam provas de ser flagelados, em muitos casos, de ser brutalmente açoitados, e as marcas de chicote não se limitavam aos homens nem aos adultos” (CASEMENT, 2016, p. 176). Ainda sobre essas declarações do contato dos barbadianos com os nativos e de suas funções, Casement afirma:

As declarações feitas pelos barbadianos e que não podiam ser discutidas no local, deixou isso bem claro. Muitos, na verdade todos, tinham estado por vários anos em contato mais próximo com os índios, e suas funções, como afirmaram, consistia principalmente em obrigar os índios a trabalharem na produção de borracha para benefício do homem branco e satisfazer seus muitos desejos. Seria tedioso apresentar todas as declarações feitas por todas essas testemunhas britânicas, e o que temos é suficiente para dizer que não deixaram nenhuma dúvida, nem a mim nem à comissão enviada pela *Peruvian Amazon Company*, que o método usado para exigir borracha dos índios é arbitrário, ilegal e, em muitos casos, cruel ao extremo, e a causa direta de muito do despovoamento. (HARDENBURG, 2016, p. 183).

As evidências dos crimes contra os nativos são evidentes, pois Roger declara ter visto as cicatrizes nas nádegas e pernas de muitos indígenas deixadas pelo chicote. Soube também que Dyall, um barbadiano, tinha sido preso no cepo na estação Último Retiro, que era administrada por Nórman Rodríguez. Citemos o trecho Do relatório de Casement:

Os barbadianos se queixaram que frequentemente tinham sofrido maus-tratos nas mãos de agentes da empresa, cujos nomes me foram citados em vários casos, e muitos ainda trabalhavam no Putumayo a serviço da empresa quando de minha visita. Na investigação *in loco*, descobri que mais de uma vez esses funcionários britânicos tinham sido submetidos aos maus-tratos criminosos”.

Esses homens tinham sido torturados e presos por contravenções, ou por se recusarem a maltratar os índios, sob as ordens de Normand, Rodríguez, Sánchez e outros chefes das estações. Normand e outros tentaram suborná-los para que mentissem ou ocultassem os fatos no depoimento perante o cônsul. (HARDENBURG, 2016, p. 183, 184).

Além de Dyll, Edward Crichlow, um carpinteiro barbadiano, também tinha sido vítima da empresa, pois aprisionado num desses cepos que ele mesmo construía. Casement esclarece que

Em maio de 1908, Crichlow teve uma disputa com um dos funcionários da companhia chamado Pedro Torres. A discussão não tinha importância, mas Torres era branco e Crichlow era negro. O carpinteiro apelou ao seu chefe, e imediatamente Rodríguez tomou o partido de seu compatriota peruano. Deu uma coronhada na cabeça de Crichlow com um revólver e chamou outros empregados brancos para prendê-lo. Crichlow tentou se defender com um pedaço de pau, mas foi dominado e suas mãos foram amarradas nas costas. Foi espancado por muitos deles e colocado no cepo para passar a noite. Quando liberado no dia seguinte por alguns instantes por um motivo óbvio, ficou acorrentado pelo pescoço com a ponta da corrente na mão de um guarda. No mesmo dia, com as mãos amarradas e uma corrente no pescoço, foi enviado sob guarda para a estação vizinha de La Sabana, com a marcha de um dia inteiro. Na época, o chefe dessa estação era um tal Velarde e quando de minha visita ele era o chefe da estação de Occidente. Velarde colocou Crichlow no cepo com as pernas a cerca de cinco buracos uma da outra, numa posição quase insuportável, e ele permaneceu assim durante toda a noite. No dia seguinte, um Señor Alcorta, empregado numa estação vizinha, que estava visitando La Sabana, intercedeu a seu favor e ele foi liberado do cepo, mas foi enviado para La Chorrera como prisioneiro. Ali foi novamente confinado no cepo pelo sub-agente, Señor Delgado, e finalmente foi liberado através da intervenção amigável do capitão do porto de Iquitos, que fazia uma visita ao Putumayo no momento (HARDENBURG, 2016, p. 184).

Foi a partir de todas essas denúncias de espancamentos, prisões, maus-tratos e da economia política que Casement, “a contragosto, tinha de introduzir a realidade”, pontua Michael Taussig em seu livro *Xamanismo, Colonialismo e o Homem Selvagem* (1993). De acordo com este autor, “foi isso que criou as contradições no relatório oficial, onde boa parte do bom senso tinha de tornar-se dependente da racionalidade do mercado a fim de produzir o seguinte tipo de argumento: no Putumayo a borracha não era escassa, mas sim a mão-de-obra” (TAUSSIG,

1993, p. 67). Quando o cônsul-britânico acompanha os nativos numa jornada pela mata para efetuar a entrega da produção gomífera, reflete sobre essas atitudes violentas e acredita que, “Se as tribos do Putumayo estivessem sob o domínio de homens de bem poder-se-ia ter bons homens e mulheres, trabalhadores úteis e inteligentes sob uma administração honesta” (HARDENBURG, 2016, p. 205).

Observação no mínimo estranha e infeliz, pois há aí uma crença na superioridade do homem branco, “homens de bem”, que se encarregariam do destino desses “infelizes” e os transformariam em “bons trabalhadores”. Entretanto, esclarece o cônsul, “Treinados para serem assassinos, com os piores exemplos, os homens foram levados à imitação, com luxúria, ganância e crueldade, apesar das súplicas das vítimas” (2016, p. 205). Ao término de suas reflexões, Casement se convencia de que “esse estado de espírito do índio remanescente logo logo desapareceria”. E, portanto, acreditava que os indígenas que haviam sobrado, morreriam em breve. Assim, em conversa com

“Um peruano que falava inglês, tendo morado alguns anos na Inglaterra, confessou-me isso dois dias antes de eu sair de La Chorrera. Disse a esse peruano que sob o regime atual, eu temia que toda a população indígena desaparecesse em dez anos, ao que ele retrucou: ‘Dou seis anos e não dez’” (HARDENBURG, 2016, p. 205).

Roger Casement informa ainda em seu relatório que “ao longo da maior parte dos rios da região amazônica, onde o comércio da borracha floresce, o sistema que prevalece não é tolerado em comunidades civilizadas” (p. 205). Assim, o cônsul-britânico estabelece sua posição como pertencente a uma sociedade civilizada em detrimento de um mundo incivilizado, mas à espera da sua benevolência e ajuda. Que tipo de compreensão, de escrita e de reflexão poderia subverter essas imputações aos latino-americanos? Taussig acredita que “oferecer explicações padronizadas e racionais em relação à tortura em

geral, nesta ou naquela situação específica, é igualmente desprovido de sentido” (1993, P. 31). Transformar os nativos em homens que produzam os bens do capitalismo é uma postura ideológica desrespeitosa para com esse ser ‘diferente’. Em situações práticas, como devemos nos referir à diferença. Como ilustração gostaria de encerrar minha comunicação lembrando uma fala do filme “O Velho que Lia Romances de Amor”, obra literária de Luís Sepúlveda. O nativo, em conversa com o estrangeiro, responde: “vocês são como nós, mas vocês não somos nós!” “você é como nós, mas não é um de nós!”

A viagem investigativa do cônsul-britânico Roger Casement serviu para constatar as denúncias feitas tanto pelo jornalista peruano Benjamin Saldaña Rocca, mas principalmente pelo norte-americano Walter Hardenburg, porque os barbadianos, de acordo com Collier, em seu livro *The river that God forgot* (1968), “Barbadians confirmed in more than one particular that testimony” (1968, p. 227).

Apesar de não ter sido o objetivo de esta comunicação apresentar os atos de atrozidades apresentados por Hardenburg em *O paraíso do diabo*, nem as confissões dos barbadianos apresentadas por Roger Casement em seu relatório, foi impossível deixar de fora essa questão; afinal de contas, elas são o pano de fundo dessas representações macabras da região do Putumayo. Evidentemente, essas narrativas permeiam nosso imaginário e contribuem sobremaneira com nossa forma de ver a região. Na opinião Albuquerque Junior,

Muitas das coisas que pensamos, a maneira que imaginamos, vemos e dizemos certos povos e nações, foram produto de todo um processo histórico marcado pela colonização, pela produção de sentido para o outro a partir de uma metrópole hegemônica, não apenas econômica e politicamente falando, mas inclusive que detinha o monopólio sobre a escrita e sobre o poder de produzir sentido, de escrever e falar sobre o outro. Muitos de nossos conceitos e preconceitos foram produzidos pelos

colonizadores europeus, por isso é importante revisá-los e criticá-los. (ALBUQUERQUE JR., 2012, p.26).

Em 1908, Thomas Whiffen também viajou pelo Putumayo e seus afluentes e escreveu o relato *The north-west Amazons: notes of some months spent among cannibal tribes* (*No noroeste do Amazonas: notas de alguns meses gastos entre as tribos canibais do Alto Solimões*), que foi publicado em Londres em 1915. Esse viajante militar inglês afirma que “através dos bons serviços do Consulado Britânico, partiu de Iquitos pelo rio principal, o Amazonas, e o Içá ou Putumayo, para *El Encanto*, na boca do Caraparaná, aonde cheguei a meados de agosto. É a partir desse ponto que os meus registros sobre os modos e os costumes dos índios realmente começam²²” (1915, p. 03). O incrível é que não há registros de maus-tratos contra os indígenas. E, de acordo com ele, contratou John Brown, o barbadiano que é citado no relato de Roger Casement (HARDENBURG, 2016, p. 214).

Assim, “dessa feita”, narra Whiffen, “eu tinha comigo, John Brown, um negro de Barbados. Ele tinha trabalhado para uma *Companhia de Borracha* por cerca de três anos, no distrito de Içá, e o contratei como meu empregado pessoal em Iquitos. Ele tinha “casado” com uma mulher Huitoto, há cerca de dois anos, e através desse arranjo eu podia obter muitas informações valiosas. Essas informações valiosas às quais se refere o autor não estão esclarecidas em seu relato de viagem. Entretanto, o leitor que conhece os relatos de Hardenburg e Casement se pergunta por que não há registro das atrocidades do Putumayo se ele perambulou pela região e, de acordo com o relatório de Casement, um barbadiano chamado

Sealey afirma que havia relatado essas coisas [crimes] a seu patrício, John Brown, que quando chegou a La Chorrera tornara-se servo do capitão Whiffen, um oficial inglês que tinha chegado lá. Esperava que o capitão Whiffen, sabendo desses crimes, fizesse alguma coisa e assim contou a John Brown. Sealey afirma que Chase estava com ele na expedição (HARDENBURG, 2016, p. 214).

²² Todas as traduções do inglês para o português foram feitas pelo autor deste texto.

Nesse sentido, os crimes estavam acontecendo na região. Entretanto, pode-se deduzir que Whiffen optou por não apresentar em seus registros nada que pudesse comprometer sua segurança, pois sabia que Eugene Robuchon, um explorador francês havia desaparecido há alguns anos e em circunstâncias obscuras. Logo no início da narrativa de Whiffen tem-se alguns dados sobre a busca feita por ele sobre o fim que tinha levado Robuchon, não, mas não há nada sobre os crimes no Cinturão da Borracha, como é chamada a região por esse viajante inglês.

Sobre a ajuda que Jhon Brown, o barbadiano, prestou a Whiffen, pode-se ler ainda o seguinte: Na verdade, ele foi de grande valor ao longo de toda a expedição, e foi mais leal e mais devotado do que um viajante - com alguma experiência colhidas de um garoto africano em suas assombrações nativas - tinha motivos para esperar de qualquer empregado negro.

Sobre a ajuda de alguns *racionales*, ou índios semi-civilizados, no olhar do viajante, tem-se a narrativa: “No dia 18 de agosto partimos para o Igaraparaná, depois de ter conseguido oito índios carregadores, dois mestiços, e oito "racionales", ou índios semi-civilizados, armados com rifles, juntamente com três mulheres indígenas, esposas de três dos *racionales*. É necessário esclarecer que esses *racionales*, de acordo com explicações de Hardenburg, são indígenas que trabalhavam como intérpretes e guias para a empresa de Julio Cesar Arana. Era com a ajuda dos *racionales* que as expedições punitivas, na verdade, expedições de perseguição, massacres e aprisionamento de índios, conhecidas como correrias, aconteciam. Whiffen esclarece que “consegui esses índios armados - da *correia* de borracha - através dos seus patrões. Os seringalistas treinam índios jovens para usá-los como batedores e para obter borracha das tribos hostis àquelas a que os rapazes pertencem. Talvez essa prática seja necessária para evitar conspiração.

Para finalizar, como os textos literários de Roger Casement e Walter Hardenburg configuram-se como resultados de testemunhos e reflexões, gostaria de lembrar, a partir de um texto de Shoshana Felman, professora de Literatura Comparada na Universidade de Yale, EUA, que “o testemunho é fornecido, e pedido, quando os fatos sobre os quais a justiça deve pronunciar seu veredito não estão claros, quando há dúvida sobre a precisão histórica e quando tanto a verdade como os elementos de evidência que a suporta são postos em questão” (NETROVSKI e SELIGMAN-SILVA, 2000, p. 18).

Diante do que fora apresentado neste texto, acredito que *O Paraíso do Diabo* seja uma fonte testemunhal do processo histórico da Amazônia tanto daquele momento de terror quanto do momento contemporâneo, se levarmos em conta que se luta não somente por sua preservação ambiental, mas também pelos direitos dos nativos. Para além dessa barbárie e escravidão a que foram submetidos os nativos, essa obra nos alerta também sobre a política externa tanto dos Estados Unidos quanto da Europa em relação à ocupação “informal” dessa região por esses “impérios”. Afinal de conta, o que querem essas empresas estrangeiras em nosso território? Penso que seja preciso revisitar esses relatos de viagem, essas representações da Amazônia que, de certo modo, apontam para nossas fragilidades, nosso caráter e modos de vida como inferiores em relação aos modos ocidentais. É dever das academias amazônicas, principalmente, traduzir esses relatos e estudar esses discursos que, na maioria das vezes, constroem uma imagem negativa da região. Como exemplo desse olhar destrutivo, pode-se ter com o filme de Eli Roth, intitulado, sarcasticamente, de “The Green Inferno”. E assim, mas escrevem Arthur Netrovski e Seligman-Silva (2000), “Cada um de nós sobrevive como pode a uma dose diária de exposição traumática, na tela da televisão ou no sinal de trânsito”.

Representar o irrepresentável, como diz Lyotard, deve ser a questão. Afinal de contas, foi preciso que os crimes do Putumayo

fossem representados e apresentados ao mundo por esses viajantes para que se pudesse exigir justiça aos nativos e a punição, mesmo que quase nula, aos criminosos. Também para que fossem organizados congressos, seminários e colóquios com o intuito de se discutir essas relações sempre assimétricas entre os povos, em especial, os da América do Sul.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz. **Preconceito contra a origem geográfica e de lugar**: as fronteiras da discórdia. São Paulo: Cortez, 2012.

CASEMENT, Roger. **El Libro Azul**. Informes de Roger Casement y otras cartas sobre las atrocidades en el Putumayo. Tradução para o espanhol de Luisa Elvira Belaunde. Lima. Centro Amazónico de Antropología y Aplicación Práctica. 2011.

http://www.iwgia.org/iwgia_files_publications_files/0568_in_forme_azul_para_el_eb.pdf

CASTRO, Carlos Rey de, CORREA, Carlos Larraburre y, ZUMAETA, Pablo e ARANA, Julio César. **La defensa de los caucheros**. Iquitos: CETA, 2005.

COLLIER, Richard. **The river that God forgot**: the story of the Amazon Rubber Boom. New York: E. P. Dutton & Co., Inc. 1968.

FANON, Frantz. Sobre a violência. In: **Os condenados da Terra**. Trad. Enilce Albergaria Rocha e Lucy Magalhães. Juiz de Fora: Editora da UFRJ, 2005.

HARDENBURG, Walter. **O paraíso do diabo**: relato e testemunho das atrocidades do colonialismo na Amazônia. Trad. Hélio Rocha. São Carlos: Editora Scienza, 2016.

NETROVSKI, Arthur e SELIGMAN-SILVA, Márcio. **Catástrofe e representação**: ensaios. São Paulo: Escuta, 2000.

TAUSSIG, Michael. **Xamanismo, colonialismo e o homem selvagem**: um estudo sobre o terror e a cura. Trad. Carlos Eugênio Marcondes de Moura. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

VALCÁRCEL, Carlos A. **El proceso del Putumayo y sus secretos inauditos**. Iquitos: CETA, 2004.

http://www.iwgia.org/iwgia_files_publications_files/0568_in_forme_azul_para_el_eb.pdf

WHIFFEN, Thomas. **The North-West Amazons**: notes of some months among cannibal tribes. Londres: Constable and Company Ltd, 1915.



O autor

Mestre em Letras- Linguagem e Identidade (UFAC, 2008) e doutor em Teoria e História Literária (UNICAMP, 2011). Estágio Pós-doutoral em História Social (UFRJ, 2016). Docente da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Departamento de Línguas Estrangeiras, coordenador do Programa de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em Estudos Literários.